



## **Comunicação Governamental em Salvador no Governo Mangabeira (1947-1951): um olhar sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede <sup>1</sup>**

*Marcello Chamusca <sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Esse artigo tem o objetivo de lançar um olhar, a partir da perspectiva da Teoria Ator-Rede (TAR), sobre o processo histórico-social por trás das transformações atribuídas à cidade de Salvador, durante o governo de Otávio Mangabeira, contextualizando-o na sua temporalidade (1947-1951), através da análise do depoimento de uma pessoa que viveu e interagiu com outros importantes atores sociais nesse período. O esforço de articulação aqui realizado visa contribuir com o enriquecimento das abordagens existentes sobre as transformações ocorridas na cidade de Salvador nesse período, através da perspectiva epistemológica da TAR, que tem como argumento central a ideia de que as redes sociais não são formadas apenas das interações resultantes dos atores humanos, mas também por interconexões entre atores não humanos e das relações entre as interconexões humanas e não humanas, bem como das relações diretas e indiretas entre atores humanos e não humanos.

### **INTRODUÇÃO**

É sabido pela maioria dos estudiosos da área de planejamento urbano e regional, historiadores, sociólogos, dentre outros interessados no tema, que a cidade de Salvador passou por significativas transformações no período em que Otávio Mangabeira esteve no governo da Bahia (1947-1951), uma vez que esse deu início a um processo de modernização da cidade, previamente pensado pelo Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador (EPUCS), entre 1942 e 1947, e que, segundo Flexor (2002), “primou por ter realizado, na fase preliminar, estudos geomorfológicos, sociológicos, históricos, econômicos etc., dentro de uma nova concepção de planejamento urbano”.

O Governo Mangabeira atuou com intervenções expressivas em praticamente todos os âmbitos de controle público e estatal, como na saúde, educação, justiça,

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado como parte da avaliação do tópico especial “Salvador: transformações urbanas”, ministrado pela professora doutora Maria Helena Ochi Flexor, dentro do Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

<sup>2</sup> Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, da UCSAL, bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: [mchamusca@gmail.com](mailto:mchamusca@gmail.com)

esporte, turismo, dentre outros, com obras de grande porte que marcaram a história da cidade como a Escola Parque, o Estádio Otávio Mangabeira (Fonte Nova), o Fórum Ruy Barbosa, o Hotel da Bahia, dentre outras, conforme se verá mais a frente.

Esse processo, entretanto, nunca foi pensado sob a perspectiva da Teoria Ator-Rede, que traz a tona uma visão que pode até ser considerada radical (uma vez que se opõe aos paradigmas predominantes na sociologia tradicional, que entendem que o social é apenas humano), mas certamente é absolutamente atual, pois percebe que os atores não humanos (os artefatos) são essenciais para a construção do sentido da vida para os atores humanos e além de mediadores dos processos sociais, muitas vezes protagonizam ações que mudam esse sentido para os atores humanos que com eles compõem as mesmas redes sociais, agora pensadas como redes sociotécnicas.

Nesse sentido, o principal objetivo desse artigo é especular sobre o processo histórico-social de uma cidade (Salvador), num determinado governo (Governo Mangabeira), contextualizando-o no seu espaço-tempo (Salvador, 1947-1951), a partir da perspectiva de redes heterogêneas (compostas de atores humanos e não humanos) proposta pela Teoria Ator-Rede (TAR). As análises se deram através de depoimentos colhidos de um ator humano que viveu esse período e interagiu com outros importantes atores humanos e não humanos no espaço e temporalidade recortados para essa reflexão.

Esse esforço de articulação visa contribuir com o enriquecimento das abordagens já existentes sobre as transformações ocorridas na cidade de Salvador nesse período. Apesar de trazer a visão de apenas uma pessoa e articular signos complexos de modo especulativo, a análise realizada é paradigmática, pois traz intrinsecamente a abordagem epistemológica da TAR, aplicável a qualquer outra análise e, por isso mesmo, impregnada de cientificidade e possibilidades de generalizações.

Para um melhor entendimento da proposta, se faz necessário, inicialmente, a caracterização dos principais conceitos articulados pela Teoria Ator-Rede (TAR).

## **ENTENDENDO OS CONCEITOS CENTRAIS DA TEORIA ATOR-REDE**

Quando entendemos que as redes sociais não são formadas apenas por interconexões entre atores humanos, mas também por interconexões entre atores não humanos e das relações entre as interconexões humanas e não humanas, bem como das relações diretas e indiretas entre atores humanos e não humanos, percebemos como é importante a observação da participação dos atores não humanos no processo

social (sonogada pela sociologia tradicional), uma vez que esses (os atores não humanos) transformam de modo flagrante a significação humana nesse contexto, mediando, lhe atribuindo *status*, determinando níveis de poder etc., sempre a partir de variáveis sociotécnicas (e não apenas social), envolvendo relações compreendidas na “teia da vida” que, segundo Capra (1997), é fundamentalmente estabelecida em redes, redes essas que os autores que endossam a TAR (sobretudo Bruno Latour e Michel Callon) entendem como redes sociais heterogêneas formadas por atores humanos (pessoas) e não humanos (artefatos).

Sobre isso, Lemos (2013, p. 53) observa que:

Rede, para a TAR, não é infraestrutura, mas o que é produzido na relação entre humanos e não humanos. Não estamos falando de redes de computadores, de redes sociais, de redes de esgoto... Rede é aqui um conceito dinâmico. Não é o que conecta, mas o que é gerado pelas associações. Não é algo pronto, por onde coisas passam, mas o que é produzido pela associação ou composição de atores humanos e não humanos.

A TAR, portanto, é uma teoria que fortalece a ideia de que atores humanos e não humanos estão constantemente ligados a uma rede social de elementos materiais e imateriais, bem como a ideia de que redes são compostas não apenas por pessoas, mas também por máquinas, animais, textos, dinheiro, arquiteturas, enfim por qualquer outro material. O argumento central é que o que compõe o social não é simplesmente o humano. O social é composto por todos esses materiais também (LAW, 2006).

Law (2006) observa que não se trata apenas do que comemos, das nossas casas que nos abrigam e das coisas que produzimos com as máquinas, trata-se também de que quase todas as nossas interações com outras pessoas são mediadas através de objetos (artefatos). Para explicar essa mediação, o autor (LAW, 2006) usa o seu próprio exemplo, observando que ele fala com o seu leitor através de um texto (um ator não humano de extrema importância para a sua interação com os demais atores humanos da sua rede). E lembra que para fazer isso, ele está digitando num teclado de computador (outro ator não humano imprescindível no processo). Ou seja, as suas comunicações com os outros atores humanos da sua rede social são sempre mediadas por uma rede de objetos: o computador, o papel, a impressora, ... Law (2006) observa ainda que se tirarem dele o computador, seus colegas, seus alunos, seu escritório, seus livros, sua mesa de trabalho e seu telefone, ele não seria um sociólogo que escreve artigos, ministra aulas e produz “conhecimento”, ele seria uma outra coisa. “E o mesmo é verdade para todos nós”, adverte.

É importante observar que no exemplo acima, os atores não humanos, se retirados da rede, modificam completamente todo o processo de interação entre os atores humanos, podendo inclusive inviabilizar essas interações e elas não acontecerem. Diante dessa constatação, verifica-se a importância de se identificar, caracterizar e analisar a participação dos atores não humanos no processo histórico-social, pois esses não só contribuem, mas são determinantes na definição dos relacionamentos entre os atores humanos. Portanto, os não humanos também são parte do social, uma vez que sem a sua existência, assim como acontece com os atores humanos, não só as relações sociais mas também toda a ordem social como é conhecida sequer existiriam.

O argumento central da TAR para inserir os não humanos na análise das redes sociais, segundo Law (2006), portanto, é que eles contribuem para o ordenamento do social e que se esses materiais fossem suprimidos do mundo também desapareceria o que se entende por ordem social, caracterizando-a como um “efeito gerado por meios heterogêneos” e não apenas por determinação da ação do ser humano (LAW, 2006). Nesse sentido, todos os atores (humanos e não humanos) são pensados de modo articulado como atuantes da mesma rede e, por isso mesmo, chamados de actantes.

Um bom exemplo dado pelo autor para demonstrar como a ordem social é efeito de uma rede heterogênea é o da moeda. Numa economia baseada no dinheiro, a moeda válida serve como uma medida padrão de valor e mecanismo de intercâmbio, ou seja, ela se torna um ator de grande importância nas interações simbólicas estabelecidas na sociedade, determinando, inclusive, competências de poder dentro da estrutura social vigente, o que mostra o quanto os atores não humanos são importantes de serem analisados no contexto atual, em que o capitalismo é hegemônico e estabelece as relações não só entre pessoas, mas também entre Estados e corporações de todo o mundo.

Aqui é importante frisar que é natural o estranhamento e o incômodo inicial com a ideia de que coisas sejam pensadas dentro da mesma rede que as pessoas e que os atores humanos não sejam mais importantes para a análise das redes sociais que os atores não humanos, visto que ao mundo ainda pesa o paradigma do humanismo ético e epistemológico. Entretanto, Law (2006) observa que dizer que não há diferença fundamental entre pessoas e objetos no momento de estudar uma rede é uma atitude analítica e não uma posição ética. O autor adverte que fazer isso não significa dizer que está se tratando pessoas como máquinas ou vice-versa, uma vez que não se está negando aos atores humanos nenhum dos seus direitos, deveres e/ou

responsabilidades que usualmente lhes são atribuídos e muito menos atribuindo às coisas o caráter humano. Mas apenas identificando-os dentro de um conceito de rede heterogênea (composta de atores humanos e não humanos), caracterizando-os e lhes atribuindo níveis de importância do ponto de vista relacional, independentemente de ser um ator humano ou não humano, para tentar explicar como, nessa rede, está a construção do social. Por exemplo: num caso em que a vida de um actante humano é mantida artificialmente por equipamentos, certamente o papel dos actantes não humanos correspondentes aos equipamentos que o mantém vivo pode possuir um maior nível de importância naquele contexto que outros humanos que fazem parte das redes de relacionamentos desse ator que está na posição de paciente mantido pelos equipamentos. Nesse sentido, é correto afirmar que um actante não humano pode ter um maior nível de importância que um actante humano dentro de uma determinada rede, sem, em nenhum momento, desmerecer o ser humano.

Por outro lado, é importante advertir que a abordagem da TAR em nada tem a ver com as tão criticadas abordagens da Teoria da Administração Científica, que tem em Taylor o seu maior e mais emblemático representante, em que, via de regra, máquinas ganhavam atributos, tais como independência e inteligência, ao mesmo tempo que pessoas assumiam atributos de máquinas.

Ao contrário disso, o argumento principal da TAR, para Law (2006), é que pensar, agir, escrever, amar, ganhar dinheiro etc. são ações atribuídas exclusivamente aos seres humanos, mas que vão além dele, pois só são possíveis por conta de redes heterogêneas (formadas por actantes humanos e não humanos) que se formam para a execução dessas ações. Daí o termo ator-rede: um ator é também, e sempre, uma rede.

Além dos conceitos que dão nome a teoria (Ator e Rede), existem alguns conceitos centrais para o seu entendimento, tais quais destacam-se: caixa preta, tradução e materialidade racional.

### **Caixa Preta**

A caixa preta tem relação direta com a redução do Ator-Rede na unidade Ator. Segundo Law (2006), o aparecimento da unidade e o desaparecimento da rede tem a ver com a simplificação, pois apesar de todos os fenômenos sociais serem o efeito ou o produto de redes heterogêneas, na prática, as pessoas não lidam e sequer detectam as complexidades dessas redes. Exemplo dado pelo autor: uma pessoa saudável geralmente não conhece o funcionamento do seu corpo. Quando ela fica doente, entretanto, ela passa a descobrir a complexa rede que o resulta e que para se curar

dependerá de uma também complexa rede heterogênea composta de processos e um conjunto de intervenções humanas, técnicas e farmacêuticas.

A caixa-preta é portanto uma rede que permanece fechada, desconhecida, muitas vezes algo que é tratado como unidade, apesar de ser uma complexa rede heterogênea que envolvem atores humanos e não humanos.

### **Tradução**

Segundo Law (2006), pensamentos e discursos duram muito pouco, apesar do segundo a despeito de ser mais “caro” durar um pouco mais que o primeiro. O autor observa que eles só duram e passam a ter valor quando são materializados em textos, plantas arquitetônicas, desenhos etc. Traduzir, portanto, é transformar ideias em materiais ou dar novos usos para antigos materiais. Para Latour (2005), o conceito de tradução na TAR acima de tudo significa uma mediação ou invenção de uma relação antes inexistente e que de algum modo modifica os atores nela envolvidos. É, portanto, um método onde um ator insere outros atores na rede.

### **Materialidade racional**

Para Latour (2005), a ideia central desse conceito está fincada na noção de que tudo é constituído a partir das interações que são estabelecidas nas redes heterogêneas. Nesse sentido, se nada pode existir fora destas interações, tudo o que existe tem que ter referencial material.

Law (2006) observa que a sociedade é materialmente heterogênea e as sociologias que não levam máquinas e arquiteturas tão a sério como as pessoas nunca terão capacidade de resolução dos problemas sociais, pois é preciso entender os produtos das relações entre atores humanos e não humanos numa rede social como um efeito da interação entre materiais e estratégias da organização social da rede.

Dadas as noções centrais da TAR, que norteará algumas análises especulativas sobre as transformações sofridas pela cidade de Salvador e o contexto histórico-social dessas transformações, que se deu no período do governo Mangabeira, passar-se-á inicialmente a caracterizar o governo Mangabeira, conforme segue.

## **SALVADOR NO GOVERNO DE OTÁVIO MANGABEIRA**

Segundo dados obtidos no Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930 (2001), o governador Otávio Mangabeira foi chefe do executivo baiano de abril

de 1947 a janeiro de 1951. Durante esse período realizou obras de vulto e deixou marcas da sua gestão na cidade de Salvador. Executou, segundo Flexor (2002), alguns projetos do EPUCS - Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador, dando início a um processo de transformação acentuado na capital baiana.

Flexor (2002) observa que Mangabeira foi o governador que transformou o trabalho do EPUCS no Decreto Lei nº 701, de 24 de março de 1948, estabelecendo-o como o primeiro conjunto de normas para o ordenamento, ocupação e uso do solo de Salvador. A autora chama atenção de que:

Do fim da Segunda Guerra Mundial até 1948, pouco se fez em relação à arquitetura e ao urbanismo de Salvador. Só quando o governador Otávio Mangabeira completava seus dois anos de gestão, graças a uma série de colaborações e empréstimos, houve possibilidade de se empreender obras de vulto que foram tomadas como símbolos da comemoração dos dois maiores centenários<sup>3</sup>.

E, com isso, deu início a um processo de modernização da cidade que resultou em algumas obras conhecidas como o Forum Rui Barbosa (um dos prédios públicos mais imponentes da cidade, criado para ser sede do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia), o estádio Otávio Mangabeira (Fonte Nova) - (que ficou conhecido como Mangabeirão e se tornou o mais importante centro de esportes da Bahia), o Hotel da Bahia (o primeiro hotel de padrão internacional do estado), e o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, que ficou conhecido como Escola-Parque, um projeto do educador Anísio Teixeira (secretário de Educação do governo Mangabeira), considerado o mais revolucionário da história do Brasil na área da Educação, pois, já naquela época, propunha educação de qualidade e em tempo integral para camadas menos favorecidas da população de Salvador.

Algumas dessas obras, equipamentos públicos e outros espaços da cidade de Salvador foram palco de processos histórico-sociais muito importantes para a memória da sua população e história da cidade. Todas as análises, relatos históricos ou ensaios sociológicos encontrados sobre esse período, entretanto, sempre sonegaram a participação dos atores não humanos, ou os relegam a meros atores coadjuvantes, quando em muitos momentos foram e ainda são protagonistas desse processo, em suas redes de relações.

Nesse sentido, o próximo tópico desse artigo se dedica a uma análise especulativa, a partir de exemplos da participação de um actante humano e suas interações com actantes não humanos e os resultados dessas relações estabelecidas

---

<sup>3</sup> Nesse ano comemorou-se, também, com nenhum alarde, o centenário de Severino Vieira e do General Pierre Labatut.

por meio de redes heterogêneas, que envolvem tanto o ponto de vista simbólico quanto aspectos materiais provenientes das interações identificadas.

## **RELAÇÃO CIDADE-ATORES SOCIAIS SOB A PERSPECTIVA DA TAR**

É conveniente se frisar que para realizar essa análise, parte-se, como já foi proposto, de uma crítica a objetividade das sociologias modernas, que tendem a simplificar os processos complexos e as redes heterogêneas em indivíduos isolados das suas redes de interações e relações contínuas (em caixas pretas) e pensando apenas na ação humana, como se essa ação pudesse ser realizada sem a devida e as vezes tão importante e/ou imprescindível participação do ator não humano no processo (materialismo racional).

O problema é que ao serem pensados sem a devida análise situacional da rede heterogênea em que estão envolvidos, esses indivíduos (entes ou atores sociais) tendem a apresentar características predominantes e essas características são radicalizadas em confronto com características contraditórias de outros indivíduos, gerando dicotomias históricas.

A noção de redes sociotécnicas aqui utilizada, entretanto, tem um valor epistemológico significativo para a superação dessas dicotomias, uma vez que incorpora as relações entre humanos e não humanos (entendendo todos como actantes), questões sociais e questões técnicas, o natural e o cultural, o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, sempre buscando entender as relações provenientes das interações entre esses elementos e a complexa teia tecida por esses actantes que atuam em rede e que inexoravelmente envolvem e participam dos mesmos processos histórico-sociais.

Para um melhor entendimento da relação entre cidade de Salvador e seus atores sociais (actantes) no período do governo Mangabeira optou-se por utilizar relatos de um ator humano (história oral) que viveu nesse período e que aceitou contribuir com o desenvolvimento desse trabalho. O autor dos relatos é Marildo Gama, eletricitista, morador do bairro de Nazaré, torcedor do Esporte Clube Bahia, atualmente com 81 anos. E para validar os depoimentos de Marildo buscou-se o confrontamento das informações passadas com informações levantadas a partir de textos históricos que tratam do mesmo período.

Em entrevista não-estruturada, Marildo falou sobre a sua relação com o Estádio da Fonte Nova, que para ele “foi palco de importantes momentos da sua existência” e para esse trabalho: é uma rede heterogênea que tem protagonismo na



história de Salvador e que merece ser analisada a partir da sua heterogeneidade, ou seja, de como os processos sociais foram construídos, por meio de interações sociais entre actantes humanos e não humanos, resultando em significados que se perpetuaram na história e na memória de soteropolitanos como Marildo Gama.

O estádio Otávio Mangabeira (Fonte Nova) teve a sua primeira inauguração (até os dias atuais já teve outras três inaugurações) em janeiro de 1951, com uma partida entre o Botafogo de Salvador e o Guarany-BA. O resultado do jogo foi 1 a 0 para o Botafogo de Salvador. O primeiro gol feito no estádio, portanto, foi do Botafogo de Salvador, marcado pelo jogador cujo o primeiro nome é Antônio<sup>4</sup> (não se encontrou mais nenhuma informação sobre ele). Esse jogo fez parte do Torneio Otávio Mangabeira, organizado para inaugurar e promover o novo estádio, vencido pelo Esporte Clube Bahia.

No depoimento sobre a sua presença no jogo de abertura do Estádio Otávio Mangabeira, Marildo destaca que quando entrou naquele estádio pela primeira vez nunca mais foi o mesmo. “Ver aquela ferradura<sup>5</sup> repleta de pessoas vibrando como nunca tinha visto antes, aquele gramado verdinho e os jogadores do tamanho de formigas, foi uma experiência única. Daquele dia em diante sabia que a Fonte Nova faria parte da minha vida pra sempre”, contou. E acrescentou que “apesar do jogo não ser do meu time do coração, era um jogo do Botafogo da Bahia (lembro porque as camisas vermelhas e brancas eram predominantes), vibrei junto com o meu pai como se fosse um jogo do Bahia, quando o placar mudou pela primeira vez”. Marildo se lembrou que o Bahia sagrou-se campeão do torneio, observando que chegou a voltar ao estádio com os seus irmãos, amigos, colegas de trabalho e o seu pai outras vezes na mesma época.

Nos relatos acima, a grosso modo, pode-se identificar algumas redes heterogêneas, tais como:

- a) Rede de actantes não humanos declarados: arquibancada em formato de ferradura, gramado “verdinho”, placar do estádio, camisas vermelhas e brancas.
- b) Rede de actantes não humanos não declarados: traçado do campo, bolas do jogo, traves, escudos dos times, bebidas, comidas etc.

---

<sup>4</sup> Informação obtida no verbete “Estádio Otávio Mangabeira” no Wikipedia e não encontrado em nenhuma outra fonte, nem mesmo no site do clube, que omite a sua participação no primeiro e histórico jogo do Estádio da Fonte Nova, bem como esse legado histórico de ter feito o primeiro gol da história do estádio.

<sup>5</sup> O Estádio Otávio Mangabeira foi construído no formato de uma ferradura.

- c) Rede de actantes humanos declarados: expectados, jogadores, pai, irmãos, amigos e colegas de trabalho.
- d) Rede de actantes humanos não declarados: jornalistas, técnicos, gandulas, policiais, ambulantes, trabalhadores do estádio, autoridades etc.

O jogo de inauguração do Estádio Otávio Mangabeira (Fonte Nova), em 1951, assim como cada um dos milhares de jogos que aconteceram ao longo da sua história, engendrou redes heterogêneas que deram significação aos processos sociais que por ali foram estabelecidos e protagonizados não apenas pelos atores humanos, mas também por atores não humanos como os identificados nas redes acima.

Note que a arquibancada em forma de ferradura, a grama “verdinha” e o placar (actantes não humanos) são parte da sua construção social, uma vez que exercem uma importância significativa na rede heterogênea que Marildo está inserido, talvez maior do que alguns humanos, como por exemplo os expectadores do jogo, uma vez que a única interação que Marildo teve com eles foi a de ocupar o mesmo espaço contíguo. No processo de interação dos elementos humanos e não humanos dessas redes, o social é portanto o resultado das relações possíveis provenientes das interações entre eles.

Aqui vale observar que não se buscará explicar, a partir da noção do que se entende como social, o recorte da realidade estudada, mas ao contrário disso, tentar explicar o que pode ser considerado social nessa realidade, a partir das redes heterogêneas, com base na ideia latouriana de que “o social” não é uma espécie de grande estrutura ou substância que tudo explica. Ao contrário disso, o “social” é o que vale a pena ser explicado e não o que serve para se explicar algo.

Nesse sentido, a contribuição de Bruno (2011) se torna significativa, uma vez que desdobra o “programa” latouriano que, segundo ela, é tratado a um só tempo cognitivo e político e que retoma uma intuição fundadora das ciências sociais e humanas: a de que não agimos sós e tampouco somos senhores do que fazemos. Para Bruno (2011), Latour radicaliza a sentença e formula o que ela propõe chamar de ontologia política performativa, ressaltando três aspectos que entende como essenciais desta ontologia: a natureza heterogênea dos seres que a compõem; o carácter distribuído da ação que a anima; o sentido político que a orienta.

Nas redes de Marildo Gama, aqui postas em análise, por exemplo, a natureza heterogênea dos seres que as compõem pode ser pensada especulativamente como:

- a) constitutiva da ordem social em que se encontra (arquibancada em formato de ferradura, gramado “verdinho”, placar do estádio, camisas vermelhas e brancas, expectados e jogadores): são atores que ordenam a percepção da maioria dos participantes das redes e estabelecem uma noção coletiva dessas. Exemplo: o formato de ferradura da arquibancada da Fonte Nova é destacado em quase todos os materiais informativos e notícias sobre o estádio, ou seja, formata uma percepção geral, trata-se de um ator que exerce poder de ordenar as interações em torno dele e por isso torná-lo um ator constitutivo de uma ordem social expressa;
- b) promotora gestaltiana do valor individual dos actantes (traves, escudos dos times, bebidas, comidas, pai, irmãos, amigos e colegas de trabalho): são atores que darão a percepção individual no contexto coletivo. Por exemplo: para alguém que tenha comido algo estragado no estádio nesse dia e tenha passado mal, certamente, a comida vendida (actante não humano) no estádio pode ter o levado a interações completamente diferenciadas com os demais atores humanos e não humanos dessas redes. Outro exemplo: para o jogador do Guarany que chutou uma bola na trave antes do primeiro gol do Botafogo, a trave (actante não humano) foi essencial para a sua percepção do jogo e o fechamento da gestalt. Aquela trave o impediu de ser o jogador que ia entrar para a história como o primeiro a fazer um gol na Fonte Nova. Já a comida estragada que o ator do exemplo anterior comeu, não fez a esse jogador do Guarany nenhuma diferença, por isso esses são atores promotores dos valores individuais que constituirá a percepção individual do coletivo de atores das redes.

Já o caráter distributivo da ação que as anima, pode se observar nas redes em questão que cada um dos atores que as compõem podem ter níveis de importância absolutamente diferentes, por conta dos também diferentes níveis de interações que os envolvem e dos resultados dessas relações individuais e coletivas, intra e interredes. Exemplo: Para Marildo, tão importante quanto a presença do seu pai era a arquibancada em forma de ferradura. Mas a “ferradura” que marcou a sua mente, certamente não teria o mesmo nível de importância para ele se ela não estivesse lotada de expectadores altamente animados e com as suas camisas vermelhas e brancas, predominantemente, contrastando com o gramado “verdinho” do campo, conforme relatou. O que formou o contexto social desse cenário portanto foram as diversas

interações entre atores humanos e não humanos que formavam as redes sociais heterogêneas em que Marildo se inseria.

E por fim, o sentido político que orienta esses atores, de modo especulativo, pode-se dizer que estão inseridos em duas escalas possíveis: micro e macropolítica. E se engendram em questões que envolvem territorialidade e relações profundas do espaço, suas apropriações e sua adequação à temporalidade, bem como as características que essa temporalidade pode trazer no seu âmago. Exemplo: numa escala de microrelações, ter sido o jogador que fez o primeiro gol da história da Fonte Nova deve ter rendido boas barganhas a Antônio, no seu bairro, na sua família e no seu tempo. Ou seja, para Antônio, a rede heterogênea de atores humanos e não humanos que lhe permitiu realizar a façanha do primeiro gol (o jogador que deu o passe, o amigo que lhe ensinou a chutar, a bola do jogo, o goleiro que assimilou o seu gol, o treinador do seu primeiro clube que lhe incentivou a ser jogador, a rede que tremulou com o seu chute, dentre outros), certamente, têm destaque.

Aqui é importante chamar atenção de que os lugares e as temporalidades também fazem parte dessa análise e se constituem em elementos das redes de atores. E mais do que isso, se conectam a partir dessas redes com outros lugares e temporalidades. Ou seja, o contexto espacial e temporal em que se encontram os lugares influenciam diretamente na dinâmica da rede, pois os lugares são o resultado das relações e interações dos atores no tempo e no espaço e dos fluxos infocomunicacionais que nelas estão envolvidos.

Sobre isso, Felinto (2011) observa que:

Para Latour nenhuma relação associativa em um determinado lugar é: “isotopic” (o que age em um lugar vem de muitos outros lugares), “synchoric” (reúne actantes gerados em diversas temporalidades), “synoptic” (não é possível ter uma visão do todo), “homogeneous” (as relações não têm as mesmas qualidades) ou “isobaric” (relações e pressões diferenciadas em cada lugar onde intermediários transformam-se em mediadores e vice-versa) (LATOURE, 2005, pp. 200, 201).

Para Felinto (2011), portanto,

Não se trata de globalizar o lugar nem de localizar o global, mas de pensar em uma “redistribuição” do local e do global. Essa nova cartografia tem assim um papel de reconstrução da memória social, de engajamento espacial, de produção de sentido local, de reforço de vínculo identitário, e de produção de uma política da cidade.

Marildo Gama também comentou sobre algumas outras obras do governador Mangabeira em Salvador. Quando perguntado se lembrava da construção do Fórum Ruy Barbosa, do Hotel da Bahia e da Escola Parque, fez questão de afirmar orgulhoso que acompanhou todas essas obras pelos jornais e em relação ao Fórum Ruy Barbosa

era testemunha ocular, pois morava no bairro de Nazaré, próximo ao Campo da Polvora, local onde está situado o prédio do Fórum. Esse trecho do discurso de Marildo remeteu claramente à ideia de que “o espaço é consequentemente relacional e pode ser compreendido como rede no seu sentido dado pela TAR” (LEMOS, 2013, p. 57). Além disso, a construção do simbólico no território (espaço socialmente apropriado) tem como condição *sine qua non* não apenas os referenciais físicos, mas também os temporais e os informacionais (virtuais).

Marildo observou que esse foi um período especialmente marcante para ele porque um monumento que ficava na praça onde o Fórum foi construído foi realocado para o lugar onde morava, na praça de Nazaré. Segundo Marildo, nesse período, a cidade parecia entrar numa fase de progresso, com muitas obras, muitas escolas sendo construídas, e que algo parecido e até maior ele só viu muitos anos depois no governo de Antônio Carlos Magalhães.

Nos relatos de Marildo pode-se observar que além do Estádio da Fonte Nova, o Fórum Ruy Barbosa também foi marcante e em grande medida graças à atuação de actantes não humanos. O monumento que saiu do Campo da Pólvora e foi para a praça de Nazaré, a que ele se referiu foi, segundo Flexor (2002), a estátua de D. Pedro II, que perdeu lugar para um espelho d’água que foi construído em frente ao prédio do Fórum como parte do seu projeto arquitetônico. Aqui, mais um ator não humano que foi importante para a formação do processo histórico-social de várias redes sociais que disputaram sentidos e deram significação à vida na época. É importante observar que a estátua de D. Pedro II, para Marildo, é um ator de muita importância, uma vez que está na mesma rede temporal e espacial em que se encontra o Fórum Ruy Barbosa.

Um outro elemento que também chama atenção nesse relato é que Marildo insere esse conjunto de obras num contexto maior, em que, segundo ele, “a cidade passava por um momento de progresso”, o que remete novamente a noção de que os lugares e as temporalidades se conectam e que esses também se inserem nas redes heterogêneas aqui discutidas.

Quando perguntado sobre o Hotel da Bahia, a resposta de Marildo foi a seguinte: “todos queriam conhecer o hotel logo que foi inaugurado, mas eu só conheci muitos anos depois, em 1959, quando fui numa recepção oferecida pela família de um amigo do trabalho. Achei tudo um luxo, tapetes, quadros lindos... Fiquei encantado”.

Neste ponto percebe-se claramente as relações latourianas, citadas anteriormente, que envolvem atores e lugares. Latour (1987) observa que o que age

em um lugar vem de muitos outros lugares, além disso, as redes reúnem actantes que vêm de diversas temporalidades, por isso a percepção imaginada como total é sempre parcial, pois não é possível ter uma visão do todo, visto que a relação tempo-espaço pode ser diferenciada para cada actante da rede, complexificando exponencialmente uma leitura integral do processo social. Um exemplo disso, é o fato de que, para Marildo, das principais obras de Mangabeira, a Escola Parque foi a que menos lhe chamou atenção e a única que não se lembrava de muitos detalhes, uma vez que nunca teve contato direto com ela, apesar de ser considerada por muitos como a sua mais importante e revolucionária iniciativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Investigar o processo histórico-social de um período em que se registra transformações profundas numa determinada cidade exige responsabilidade e compromisso do pesquisador com um olhar diferenciado, que possa trazer algum tipo de contribuição intrínseca na sua proposta ou abordagem.

Esse artigo, ao pensar sobre as transformações sofridas pela cidade de Salvador no período em que Otávio Mangabeira esteve no governo da Bahia (1947-1951), a partir da Teoria Ator-Rede, teve essa intenção de trazer um novo olhar, que se difere das abordagens epistemológicas tradicionais do social, seja quando se referem aos processos, seja quando se referem às redes e até à ordem social.

É verdade que, como se chamou atenção no início, a TAR pode ser considerada radical por se opor diametralmente aos paradigmas dominantes na sociologia tradicional, mas, por outro lado, também pode servir ao resgate das tradições, na medida que busca aprofundar a essência das relações e das interpretações simbólicas resultantes das interações entre atores sociais para a construção do sentido da vida.

Aqui, por exemplo, se tratou de algumas obras, equipamentos públicos e outros espaços da cidade de Salvador que marcaram a memória da população e a história da cidade, através de depoimentos de uma testemunha viva e ocular dessa história. E tudo isso sem sonegar a importância da participação dos atores não humanos, que em muitos momentos foram protagonistas dos processos de interações simbólicas, em suas redes de relações heterogêneas.

Essa identificação e reconhecimento da importância das coisas no processo social, construção e reconstrução simbólica da vida nos espaços da cidade, encontrada nos relatos do entrevistado Marildo Gama sobre Salvador, também podem dar pistas

de como se avançar no entendimento e conseqüentemente na resolução dos problemas sociais que envolvem a cidade, pois, conforme observa Law (2006), a sociedade é materialmente heterogênea e aquelas que não levam máquinas e arquiteturas tão a sério como as pessoas nunca terão capacidade de resolução dos problemas sociais.

E por último, mas não menos importante, é preciso chamar atenção de que apesar das breves análises aqui realizadas se concentrarem na visão de apenas um entrevistado e fazer articulações complexas de modo declaradamente especulativo, são análises paradigmáticas e trazem intrinsecamente a abordagem epistemológica da TAR, aplicável a qualquer outra análise e, por isso mesmo, como já foi dito, impregnada de cientificidade e de possibilidades de generalizações.

## REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda. Palestra: O social não existe de muitas maneiras; o social está por fazer. Ressonâncias de uma ontologia política das redes para a cibercultura. In: **V Simpósio Nacional ABCiber**. Florianópolis, novembro de 2011.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em:  
<[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/otavio\\_mangabeira](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/otavio_mangabeira)>  
Acessado em: 22/08/2013.

FELINTO, Erick. Palestra: “Bruno Latour mit deutscher Akzent”: Convergências entre a Teoria Ator-Rede e as Novas Teorias de Mídia Alemães. In: **V Simpósio Nacional ABCiber**. Florianópolis, novembro de 2011 .

FLEXOR, Maria Helena Ochi. A rede urbana e os festejos centenários da Bahia em 1949. In: **XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. Rio de Janeiro, julho 2002.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social**. An introduction to Actor-Network Theory. Oxford: University Press, NY, 2005.

\_\_\_\_\_. **Science in Action: How to Follow Scientists and Engineers through Society**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1987.

LAW, John. **Notas sobre a Teoria do Ator-Rede: ordenamento, estratégia, e heterogeneidade**. Tradução de Fernando Manso. Rio de Janeiro: COMUM, 2006.

LEMOS, A. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. **Galaxia (Online)**. São Paulo, n. 25, p. 52-65, jun. 2013.